

# *Displacement* e Interseções entre Espaço e Identidade em *Voyage in the Dark*, de Jean Rhys, e *The Lonely Londoners*, de Sam Selvon

---

Mariana Batista da Cruz

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - CETAPS

Citation: Mariana Batista da Cruz. “*Displacement* e Interseções entre Espaço e Identidade em *Voyage in the Dark*, de Jean Rhys, e *The Lonely Londoners*, de Sam Selvon.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 10, n.º 1, 2021, pp. 40-56. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.

## **Abstract**

Both Jean Rhys’ *Voyage in the Dark* and Sam Selvon’s *The Lonely Londoners* articulate the experiences of exile and otherness by subverting the traditional conventions of the English novel, encoding the fractured perception of space of the postcolonial subject through an engagement with typically modernist discursive forms. This paper examines how representations of displacement in these two narratives, as both a physical and psychological phenomenon, contribute to shape the postcolonial identity of their Caribbean exiles within British society. It will do so by considering the characters’ relationship to and movement within London’s social spaces, as well as their subjective experience of the material and imaginary spaces between which their double consciousness is divided. The goal is to reach a better understanding of how this rootlessness unsettles collective and individual postcolonial identities and how displacement may flourish into a subversive and aesthetically productive force.

**Keywords:** Jean Rhys; Sam Selvon; Displacement; Space; Identity

## **Resumo**

As obras *Voyage in the Dark*, de Jean Rhys e *The Lonely Londoners*, de Sam Selvon articulam as experiências de exílio e alteridade através da subversão das convenções tradicionais do romance inglês, codificando a percepção fragmentada do espaço do sujeito pós-colonial com recurso a formas discursivas tipicamente modernistas. O presente artigo analisa a forma como as representações de *displacement* em ambas as narrativas, enquanto fenómeno físico e psicológico, contribuem para a formação da identidade pós-colonial dos exilados da região das Caraíbas, no contexto da sociedade britânica. Considerará as deslocações das personagens nos

espaços sociais da cidade de Londres, bem como a sua experiência subjetiva dos espaços materiais e imaginários que dividem a sua consciência dupla. Pretende-se alcançar uma melhor compreensão da forma como este desenraizamento perturba os sentidos de identidade pós-coloniais individuais e coletivos e de como o *displacement* pode revelar-se, em última instância, uma força subversiva e esteticamente produtiva.

**Palavras-chave:** Jean Rhys; Sam Selvon; *Displacement*; Espaço; Identidade

## Introdução

A Segunda Guerra Mundial precipitou os processos de descolonização para grande parte das potências europeias e dos territórios por elas ocupados nos continentes africano e asiático, traduzindo-se posteriormente, concretamente no caso britânico, num fenómeno de imigração massificada de cidadãos da *Commonwealth* para a Metrópole. A chegada de milhares de imigrantes da região das Caraíbas ao longo das décadas de cinquenta e de sessenta, com a chamada geração *Windrush*, foi um dos acontecimentos mais notórios de transformação demográfica da cidade de Londres neste período, ainda que a sua presença no coração da Metrópole já fosse visível antes mesmo do final da Grande Guerra.

No contexto da redescoberta do legado literário dos autores das chamadas, à época, *West Indies* - ou Índias Ocidentais -, que desembarcaram na Grã-Bretanha ao longo do século XX, o presente artigo propõe uma abordagem comparativa às obras de dois autores desta região, Jean Rhys e Sam Selvon, chegados à Metrópole em períodos distintos e representando momentos igualmente diferentes no processo de construção de uma voz literária pós-colonial caribenha. Serão analisados os romances *Voyage in the Dark* (1934) e *The Lonely Londoners* (1956), com o propósito de confrontar as duas representações do fenómeno de *displacement*<sup>1</sup> e as formas específicas como cada um dos autores articula esta experiência, evocando interseções entre questões de espaço e de identidade. O objetivo será demonstrar que o sentimento de desenraizamento que une os imigrantes representados nos dois textos resulta, em ambos os casos, de uma indefinição identitária característica das sociedades pós-coloniais, que se vê refletida e problematizada na relação das personagens com o mapeamento geográfico e social da cidade de Londres, bem como também na sua própria experiência psicológica dos espaços concretos e imaginados.

Para uma leitura comparada das duas narrativas, revela-se necessário, antes de mais, reconhecer que a ocorrência da Segunda Guerra Mundial no período que separa as suas publicações constitui um importante fator de diferenciação entre as obras. O

conflito precede o surgimento do texto de Selvon, chegado de Trinidad à Grã-Bretanha no ano de 1950, mas é posterior à publicação da obra de Rhys, que desembarca em Londres em 1907, proveniente da ilha de Dominica, portanto ainda durante o período de ocupação formal britânica. Estes diferentes enquadramentos históricos influem diretamente na forma como são representadas as questões de identidade e vivência do espaço em ambos os textos.

Apesar do intervalo cronológico, argumenta-se que a gênese da experiência de exílio solitário retratada nas narrativas, encontra-se na sua reprodução inversa da viagem original dos colonizadores para as ilhas desta região, contextualizada num discurso colonial histórico que preconiza a expansão dos valores da cultura britânica. As personagens de Rhys e Selvon, ainda que tendo históricos familiares e ascendências étnicas diferentes, surgem como os supostos produtos contemporâneos desta missão de civilização dos povos e raças inferiores, que procura transformá-los em protótipos artificiais do cidadão britânico, enquanto personificações de uma diferença que é, nas palavras de Homi Bhabha, “almost the same, but not quite” (LC 86). A evidência inequívoca desta diferença seria a garantia de preservação do binário Eu/Outro, colonizado/colonizador e raça superior/raça inferior, enquanto estratégia de afirmação da superioridade da cultura britânica que, contudo, acaba por produzir espaços de profunda ambivalência identitária: “the empire . . . is less a place where England exerts control than the place where England loses command of its own narrative of identity. It is the place onto which the island kingdom arrogantly displaces itself and from which a puzzled England returns as a stranger to itself” (Baucom 3). Geram-se desta forma visões contraditórias acerca do que significa ser inglês, uma crise identitária que se intensifica no período que enquadra e sucede os processos de descolonização e que surge materializada nestas personagens, enquanto símbolos de uma Grã-Bretanha confusa, que se debate para se reconfigurar no mundo pós-colonial e para enfrentar um Outro que se revela, afinal, parte de si própria.

A experiência do fenômeno de *displacement* nas obras em análise é, conforme será demonstrado ao longo deste artigo, indissociável da indefinição cultural que assombra os sujeitos coloniais no momento de retorno à capital do Império e que é complexificada na sua relação com o espaço da Metrópole, bem como com as memórias do espaço da ilha nativa. Esta análise começará, deste modo, por considerar a forma como a experiência do dia a dia nos espaços públicos e privados da cidade de Londres simultaneamente contribui para aprisionar as personagens no seu limbo nas margens da sociedade britânica, e por outro lado, lhes confere uma visibilidade subversiva para o discurso identitário dominante. Em primeiro lugar, serão analisadas

as várias facetas da cidade de Londres, enquanto espaço onde se projetam as expectativas e as decepções do imigrante chegado da colônia à Metrópole; em segundo, a forma como a transgressão das fronteiras internas e invisíveis da cidade permite às personagens transformar as suas deslocamentos numa manifestação ativa de insurreição contra as barreiras identitárias que lhes são impostas.

Na segunda parte deste ensaio, será explorado o modo como a vivência psicológica dos espaços da Metrópole e da colônia condiciona a experiência do exilado e como a capacidade para transformar esta dupla consciência numa ferramenta de afirmação cultural poderá constituir o elemento-chave para que o *displacement* vivido pelo sujeito colonial se converta, a longo prazo, num fenómeno produtivo e subversivo para o discurso identitário dominante. A conclusão tecerá considerações finais acerca das abordagens distintas dos dois textos às questões referidas e problematizará o significado dessas diferenças para o entendimento do conceito de *displacement* no contexto das sociedades e literaturas pós-coloniais.

### **I - O Espaço Físico e Social da Metrópole: Entre a Exclusão e a Transgressão**

A cidade de Londres surge em *The Lonely Londoners* e *Voyage in the Dark* não só enquanto espaço físico que enquadra e estrutura a deambulação sem rumo das suas personagens principais, mas também enquanto lugar mitológico que já habita o imaginário destes imigrantes antes mesmo de estes habitarem a cidade, como é ilustrado por Moses, o protagonista da obra de Selvon: “Is like when you go back home and you hear fellars talk about . . . Charing Cross and gay Paree”. You say to yourself ‘Lord them places must be sharp.’ Then you get a chance and you see them for yourself” (73). Em *Voyage in the Dark*, também Anna afirma que desde criança lê acerca de Inglaterra, descrevendo o sentimento de chegada à capital da Metrópole como a esperança de renascer e iniciar um novo capítulo na sua vida: “It was as if a curtain had fallen. It was almost like being born again” (Rhys 7).

Em ambos os textos, a Grã-Bretanha e a cidade de Londres, em particular, enquanto centro administrativo e capital do Império, surgem inicialmente na percepção das personagens como o espaço onde se define e concretiza o seu sentido de identidade cultural, ainda que as perspectivas adotadas sejam distintas. Em *The Lonely Londoners*, na qualidade de colonizado, Moses refere-se à Grã-Bretanha como “Mother Country” (Selvon 2), o lugar onde os imigrantes vindos dos territórios da *Commonwealth* buscam melhores condições de vida e cumprem o seu destino enquanto “British subjects . . . who bleed to make this country prosperous” (21), numa referência ao sangue derramado na luta contra as tropas nazis durante a

Segunda Guerra Mundial e, implicitamente, ao trabalho forçado dos seus avós no período da escravatura. Por outro lado, Anna, descendente de uma família de colonos britânicos, detentores de escravos, mas filha de uma mulher crioula, realiza o caminho inverso ao dos seus antepassados, de forma a concluir a sua instrução nos valores britânicos e a comportar-se, nas palavras da sua tia Hester, “like a lady and not like a nigger” (Rhys 65). Apesar das diferentes condições destas personagens enquanto sujeitos coloniais e da posição particularmente ambivalente da protagonista de *Voyage in the Dark* em relação ao Império, existe em ambos os textos uma associação inicial da cidade de Londres à promessa de cumprir um destino de regresso ao lugar de pertença.

Os momentos de primeiro contacto entre as personagens dos dois romances com a cidade de Londres encontram-se, como tal, marcados pela sobreposição e o choque entre as duas configurações da capital da Metrópole - a real e a imaginária -, que eventualmente resultarão na desintegração quase total das ilusões alimentadas pelo mito colonial. A decepção cresce quando estas personagens tomam consciência de que as suas situações enquanto homens negros, no caso da obra de Selvon, e de mulher branca, mas crioula, na obra de Rhys, não correspondem à conceção dominante na Metrópole do que significa ser inglês. Em *The Black Atlantic*, Paul Gilroy refere que a onda de imigração vinda das colónias no período do pós-guerra originou uma nova forma de racismo, “where blackness and Englishness appeared suddenly to be mutually exclusive attributes” (10). Apesar de *Voyage in the Dark* ter sido publicado antes da Segunda Guerra Mundial e do início dos processos de descolonização, Anna sente antecipadamente os efeitos desta rejeição, constatando que a sua proveniência e ambiguidade racial a impedem, à partida, de completar a sua educação nos valores britânicos, já que é excluída dos círculos sociais onde poderia desenvolvê-los.

Este discurso identitário nacionalista, baseado numa lógica binária de branco/negro e Eu/Outro, encontra-se concretizado na cartografia da cidade de Londres e na organização dos seus espaços sociais, condenando os imigrantes ao estatuto forçado de estrangeiros e a uma vida de exílio nas margens da capital. O Terceiro Espaço identitário que estas personagens simbolizam e que foge aos limites de compreensão e enunciação deste discurso dialético, materializa-se no espaço liminal que estas ocupam na Metrópole: a fronteira entre o centro (o coração da capital do Império) e a periferia (a ilha nativa).

Em *The Lonely Londoners*, Londres é descrita como uma cidade dividida em “little worlds” (Selvon 60) e onde os imigrantes das colónias se encontram confinados

a determinados bairros periféricos, onde as condições de alojamento são particularmente precárias, como Notting Hill ou Harrow Road. Galahad culpabiliza a cor da sua pele pelos sucessivos episódios de marginalização de que é vítima na cidade, nomeadamente quando frequenta uma casa-de-banho pública e é acusado de contaminar o espaço ou quando lhe é recusado o aluguer de um quarto no centro da capital: “So Galahad talking to the colour Black, as if is a person, telling it that is not *he* who causing botheration in the place, but Black who is a worthless thing for making trouble all about” (77). Ao distanciar a sua subjetividade da cor da sua pele, Galahad procura rejeitar e expurgar-se da faceta alegadamente “não inglesa” da sua identidade, o elemento que medeia o seu primeiro contacto com os restantes britânicos e que o impede de usufruir por completo da cidade.

Também Anna, apesar de branca, é comparada pelos londrinos a um “damned baboon - a fair baboon, too, worse than a dark one every time” (Rhys 148), deparando-se com dificuldades semelhantes em encontrar alojamento, já que as senhorias se mostram relutantes em alugar-lhe um quarto por assumirem que Anna é prostituta, sugerindo uma ligação entre a sua identidade crioula e uma sexualidade potencialmente transgressiva: “I don’t let to professionals” (8). Os obstáculos enfrentados pelas personagens de ambas as obras na tentativa de encontrarem um quarto ou uma casa em Londres, bem como o seu vaguear sem rumo pelas margens da cidade, espelham a luta mais abrangente que travam diariamente no sentido de reclamarem uma posição legítima nos escalões da sociedade britânica, que reflita adequadamente o seu estatuto enquanto cidadãos.

No entanto, se em *The Lonely Londoners*, o sentimento de alienação que caracteriza o estado de espírito das personagens no centro de Londres parece surgir principalmente como resultado de fatores externos, enquanto consequência da experiência de segregação a que são sujeitas - Galahad, por exemplo, não é de imediato confrontado com este sentimento à chegada à Metrópole e é apenas a sua vivência pessoal da realidade hostil da cidade que o despoleta -, em *Voyage in the Dark*, Anna parece projectar, desde logo, o seu sentimento de estranheza e não pertença na configuração da própria cidade, que observa no comboio, à chegada: “this is London - hundreds thousands of white people rushing along and the dark houses all alike frowning down one upon the other all alike all stuck together - the streets like smooth shut-in ravines . . . - oh I’m not going to like this place” (17). Esta primeira impressão da capital como uma cidade homogénea, construída com base em normas rígidas e padronizadas, cujas ruas parecem vigiar e aprisionar quem nelas caminha, é interpretada pela protagonista como a primeira manifestação visível de uma sociedade

inflexível, onde a integração está dependente da conformidade para com as regras que ditam o que significa ser inglês. Anna compreende assim que, dada a sua indefinição racial enquanto mulher crioula e a sua transgressão da lógica binária que estrutura o discurso dominante acerca das culturas e da nacionalidade, nunca poderá verdadeiramente integrar-se na sociedade londrina.

Por oposição ao texto de Selvon, a alienação experienciada pela personagem de Rhys foge a um entendimento do fenómeno de *displacement* como uma perda de “a valid and active sense of self . . . by dislocation” (Ashcroft et. al. 9), uma vez que mesmo antes da sua viagem para a Grã-Bretanha, Anna já se demonstra consciente do seu sentido de identidade indefinido e fragmentado. Se na sua ilha nativa, a cor da sua pele e o seu historial familiar levam a que seja rejeitada por parte dos nativos, a sua chegada à cidade de Londres, inicialmente representada como a esperança de um recomeço, emerge como a derradeira confirmação do seu permanente desenraizamento, que Anna tenta combater através de uma constante idealização da ilha onde cresceu e de um esforço artificial de identificação com o que ela considera ser uma cultura negra: “I always wanted to be black” (Rhys 31). A perspetiva ingénuo, redutora e essencialista que Anna tem das diferenças étnicas traem a sua educação privilegiada no seio de uma família de colonos. Porém, ainda que a sua pele branca lhe permita mover-se em determinados círculos no seio da cidade de Londres, dos quais as personagens de Selvon seriam, à partida, excluídas, a sua condição de crioula parece também complexificar o seu exílio, ao subverter o binário racial e dificultar a sua integração em qualquer uma das comunidades.

Desta forma, Londres adquire significados simbólicos diferentes nas duas obras em análise, exprimindo também duas manifestações distintas do fenómeno de *displacement* que, contudo, têm origem no mesmo problema de (in)definição de identidade. Em *Voyage in the Dark*, a cidade é representada como o espaço físico cujo mapeamento social e geográfico consciencializam Anna, enquanto crioula, da desadequação da sua ambiguidade identitária a uma vida enquanto cidadã britânica na capital da Metrópole e da conseqüente noção por si já internalizada de não pertença. Se ambos os textos levantam o véu sobre uma Londres cuja cartografia fixa espelha uma forte hierarquização social, a obra de Rhys intensifica esta imagem de rigidez, retratando uma cidade cujos lugares se confundem pelas suas semelhanças na perceção da protagonista, emergindo também como um espaço claustrofóbico, que aprisiona Anna à sua condição marginal e ao seu estatuto de “Outro”, em quartos periféricos, frios e húmidos que, na perceção da protagonista, “[are] getting smaller and smaller until they crush you to death” (30).

Por outro lado, em *The Lonely Londoners*, Londres é representada como um espaço onde as personagens exercitam a sua liberdade, mesmo que, para tal, se vejam forçadas a transgredir os limites e restrições impostos pela própria cidade. Esta atitude espelha a auto-perceção destes imigrantes em relação à sua identidade, que, apesar de híbrida, eles identificam como inequivocamente britânica, recusando-se a agir em conformidade com o mapeamento social da cidade. A ousadia dos imigrantes da obra de Selvon nas suas movimentações pela capital não exclui, ainda assim, que Londres surja como a metade de um binário espacial que estrutura a sua consciência dividida e a sua visão ambivalente da capital britânica. Este binário coloca em contraponto duas facetas distintas da própria cidade: a de uma Londres suja e hostil, dos bairros pobres da classe operária, que estas personagens habitam, e a de uma Londres mítica, cujas ruas estariam “paved with gold” (Selvon 2) e cujos bairros “everybody in the world know about” (72), que os imigrantes tentam recriar e experienciar nas suas movimentações diárias, apesar da hostilização que frequentemente os vitimiza. A vivência do espaço da capital, mediada pelo choque face à existência de duas Londres contrastantes - aquela que estrutura o seu imaginário coletivo e a Londres cuja configuração real reflete e perpetua a deslegitimação do seu estatuto de cidadãos britânicos - é um fator de erosão da confiança identitária destes imigrantes, apesar de estes desenvolverem os seus próprios mecanismos para se apropriarem da cidade, como será analisado no capítulo seguinte.

Neste sentido, a definição de *displacement* acima referida, como consequência de uma destruição de um sentido de identidade sólido e ativo, aplica-se de forma mais evidente às personagens de Selvon que, ao contrário de Anna, não parecem manifestar a mesma angústia e incerteza em relação ao seu posicionamento entre nações e culturas, até serem confrontados com a hostilização do próprio espaço físico e social da cidade e com as manifestações externas de discriminação por parte dos londrinos. A cidade de Londres emerge, desta forma, em ambas as obras como o espaço onde se projetam e, em última instância, se desmoronam as expectativas do sujeito colonial de regressar à terra de origem e de experienciar a Metrópole enquanto lugar de pertença, enquadrando o seu exílio numa cartografia rígida, que o fixa no seu papel de “Outro” indesejável, mas também como um sítio cujas fronteiras internas são transponíveis, permitindo-lhe desafiar fisicamente a matriz do binário identitário dominante.

Tanto Anna como a maioria das personagens de Selvon exercem resistência, consciente ou inconscientemente, ao transgredirem as barreiras que lhes são impostas

e que delimitam a sua ação e movimentos no centro de Londres enquanto sujeitos coloniais. Anna acusa indiretamente a sociedade britânica de tentar segregar os seus espaços e ocultar a presença dos indivíduos que não correspondem aos seus padrões de pureza e normalidade quando afirma: “This is England, and I’m in a nice, clean English room with all the dirt swept under the bed” (Rhys 31). Neste sentido, enquanto mulher crioula e potencial personificação desta “sujidade” metafórica, Anna pode resistir a estas práticas de exclusão social ao recusar-se a manter-se invisível. A sua própria presença no coração da Metrópole, tal como a das personagens de Selvon, assume-se como disruptiva, uma vez que o seu posicionamento cultural ambíguo, um fator decisivo para a sua marginalização, desafia e transtorna as categorizações normativas do discurso do Império. Como tal, Anna é recorrentemente sujeita ao olhar fixo e hostil dos londrinos, o qual denuncia a sua presença nos espaços públicos da cidade como uma potencial ameaça: “it was terrifying - the way they look at you. So that you know that they would see you burnt alive without even turning their heads away” (120).

Também a incursão dos imigrantes de *The Lonely Londoners* a Marble Arch e o seu convívio por debaixo do arco triunfal, tradicionalmente reservado à passagem da família Real em cortejos e cerimónias, é um ato simbólico particularmente transgressivo, quando considerado o impacto visual da cor da sua pele, uma marca visível da sua diferença, por oposição ao branco do monumento Real. Neste contraste de cores encontra-se patente o impacto da ocupação por parte do colonizado de um símbolo por excelência do poder da Coroa Britânica, nomeadamente sobre os territórios da *Commonwealth*. As suas deslocações dentro da cidade e a frequência de estabelecimentos localizados em bairros particularmente modernos e populares, como as lojas de Shaftesbury Avenue em *Voyage in the Dark*, ou os teatros e as óperas de Picadilly Circus em *The Lonely Londoners*, conferem a estas personagens a ilusão de uma possível ascensão social, emergindo como estratégias para atenuar o seu exílio e procurar a integração através de comportamentos miméticos em relação aos britânicos nativos. Apesar de esta inclusão parecer longe de se concretizar, a sua conduta traduz-se numa transferência desafiante da presença e do olhar do colonizado para o coração da Metrópole.

## II - A Experiência Psicológica dos Espaços: Dupla Consciência e Linguagem

O fenómeno de *displacement* surge nas duas obras como uma condição material da vida dos imigrantes, imposto pela configuração do espaço físico da cidade de Londres e perpetuado nas dinâmicas de poder e marginalização que ocorrem nos seus espaços

sociais. Porém, também a relação psicológica das personagens com o espaço da Metrópole e o espaço imaginado da colônia, espelhando por vezes uma internalização do mesmo discurso dominante na sociedade britânica, revela uma experiência que é complexificada pelo sentimento de indefinição identitária.

Para estes imigrantes, o espaço intersticial onde se configura a sua identidade é marcado por uma consciência dupla, que DuBois definiu como um sentimento de “twoness . . .; two souls, two thoughts, two unreconciled strivings” (8), que se traduz num espaço psicológico permanentemente dividido entre duas realidades, entre os legados de duas heranças culturais, que o indivíduo procura reconciliar numa identidade individual coesa. Esta consciência dividida exprime-se também, para os sujeitos coloniais exilados na Metrópole, numa vivência psicológica de dois lugares distintos em contraponto, em divagações que os afastam invariavelmente do espaço concreto da cidade real e as levam para o terreno do imaginário, onde se materializa o sonho de uma terra de origem, de um lugar de pertença, o da Londres do mito ou o da ilha tropical nativa, descrita por Edward Said em *Reflections on Exile and Other Essays*: “For an exile, habits of life, expression, or activity in the new environment inevitably occur against the memory of these things in another environment. Thus both the new and the old environments are vivid, actual, occurring together contrapuntally” (186). Esta imagem do exilado como um sujeito fragmentado, que habita dois espaços em simultâneo coincide, pelo menos parcialmente, com o retrato das personagens nas duas obras. Os imigrantes representados por Selvon experienciam com a mesma intensidade uma Londres dupla, cujas variantes constantemente se sucedem e sobrepõem no discurso das próprias personagens ou nas vívidas descrições das suas incursões e aventuras pelas ruas da cidade. Por outro lado, a memória da ilha nativa, em contraponto com a perspectiva mais lúgubre da capital da Metrópole, também não se encontra totalmente esquecida. A mesma língua crioula que é empregue para descrever as múltiplas facetas de Londres, é igualmente utilizada pelas personagens para invocar e articular a realidade das suas ilhas tropicais, traduzindo-se em representações igualmente nítidas dos dois espaços:

I want to go back to Trinidad and lay down in the sun and dig my toes, and eat a fish broth and go Maracas Bay and talk to them fishermen, and all day long I sleeping under a tree, with just the old sun for company . . . . I go and live Paradise - you know where Paradise is? Is somewhere between St. Joseph and Tacarigua. I would get a old house and have some cattle and goat, and all day long sit down in the grass in the sun, and hit a good corn cuckoo and calaloo now and then.” (Selvon 125)

A semântica e a estrutura gramatical do crioulo, que permitem às personagens descrever a cidade de Londres e a ilha nativa recorrendo a terminologia e referentes semelhantes, conferem a ambos os espaços a mesma vivacidade no domínio da linguagem e na consciência fragmentada destes imigrantes, subvertendo assim uma perspectiva essencialista sobre as diferenças que existiriam entre os dois territórios e as duas culturas. Em simultâneo, permite-lhes enquadrar e exprimir a sua dupla consciência, um elemento estruturante da sua experiência de *displacement*, num veículo que conjuga as duas dimensões da sua perceção de forma integrada, levando-os deste modo a posicionarem-se no Terceiro Espaço identitário que traz forma e sentido às duas realidades que estruturam o seu pensamento.

Apesar de este desdobramento evidenciar o desenraizamento sentido pelas personagens, a possibilidade de experienciar ambos os espaços em contraponto e de os conceber numa única língua crioula parece emergir como uma forma de atenuação deste sentimento de deslocação, especialmente quando comparado com o exílio estéril vivenciado por Anna. A experiência de Anna emerge como uma interpretação mais pessimista, mas mais complexa, do fenómeno de *displacement*, por oposição à descrição de Said, o qual parece sugerir a possibilidade da perceção do indivíduo exilado se dividir entre dois lugares que coexistem paralelamente no domínio da consciência e que dialogam constantemente entre si. Anna, por outro lado, vive o exílio como um permanente vaivém entre o espaço físico e o espaço imaginário, o passado e o presente, a colónia e a capital da Metrópole que, no entanto, não podem ser experienciados em simultâneo ou com a mesma intensidade: “Sometimes it was as if I were back there and as if England were a dream. At other times England was the real thing and out there was the dream, but I could never fit them together” (Rhys 8). A impossibilidade de aceder ao mesmo tempo aos dois espaços na sua psique e de os conjugar numa identidade pessoal minimamente coesa acentuam a ideia de *displacement* como uma perda aparentemente irremediável de uma identidade e de um lugar de pertença, sem esperança de solução ou alternativa, contrariando a descrição proposta por Said e também o exílio vivido pelas personagens da obra de Selvon.

Procurando aligeirar este sentimento de permanente deslocação, Anna opta geralmente por refugiar-se no espaço da sua memória e identificar-se artificialmente com a comunidade negra da sua ilha nativa, numa tentativa desesperada de se posicionar num binário que não contempla a complexidade da sua herança cultural e genética. Dada a escolha de Anna, a ilha tropical concretiza-se de forma especialmente detalhada e sensorial no seu pensamento:

. . . that was what I thought about more than anything else - the smell of the streets and the smells of frangipani and lime juice and cinnamon and cloves and sweets made of ginger and syrup, and incense after funerals or Corpus Christis processions, and the patients standing outside the surgery next door, and the smell of the sea-breeze and the different smell of the land-breeze. (7)

Estas sensações que Anna revive no espaço do seu imaginário substituem-se à cidade de Londres onde a protagonista se encontra fisicamente e a qual parece tornar-se progressivamente irreal, “some other world” (52), reduzindo-se à homogeneidade das suas cores: “You were perpetually moving to another place which was perpetually the same. There was always a little grey street leading to the stage-door of the theatre and another little grey street where your lodgings were” (8). Este contínuo distanciamento psicológico de Anna em relação aos lugares por onde circula e às pessoas com quem convive traduzem-se na sua postura aparentemente alheada e indiferente: “You’re not all there, that’s what’s the matter with you. Anybody’s only got to look at you to see that” (145).

Por oposição ao alívio e distração momentâneos que voltar à ilha da memória ou reproduzir os nomes dos lugares emblemáticos de Londres parecem providenciar aos imigrantes de *The Lonely Londoners*, o conforto que a retirada estratégica de Anna para o seu imaginário lhe poderia trazer é invariavelmente breve, já que o seu sentimento de pertença à ilha tropical onde nasceu e à comunidade negra que vivia nos arredores da sua propriedade tem uma dimensão performativa. O seu esforço para fixar uma identidade própria estilhaça-se como uma ilusão quando Anna recorda com um sentimento de culpa o envolvimento da sua família no negócio de escravos: “Maillote Boyd, aged 18, mullato, house servant. The sins of the father Hester said are visited upon the children unto the third and fourth generation” (53). O desejo de Anna de se posicionar neste binário identitário que a própria internalizou acaba por contribuir para agravar ainda mais o seu sentimento de alienação, já que a levam a uma identificação superficial com uma determinada cultura ou comunidade que se revela, em última instância, impossível.

Num dos raros momentos em que a realidade física da Metrópole parece sobrepor-se à memória da ilha nativa e o cinzento dominante é substituído pelas cores da floração no período de Verão, Anna sente uma esperança renovada no seu futuro na Grã-Bretanha que, no entanto se dissolve quando Walter lhe pede que fale das flores que existem na sua ilha. Anna vê-se novamente confrontada com a necessidade de integrar de forma coerente as duas facetas distintas da sua identidade e com a impossibilidade de estas coexistirem no mesmo plano do real: “. . . when I began to

talk about the flowers out there I got that feeling of a dream, of two things that I couldn't fit together, and it was as if I were making up the names. Stephanotis, hibiscus, yellow-bell, jasmine, frangipanni, corolita” (78). O desconforto experienciado por Anna neste momento surge associado à questão da linguagem, que lhe soa desadequada para descrever a paisagem da sua ilha.

De resto, esta não é a única ocasião em que a protagonista se debate para encontrar as palavras apropriadas para reproduzir a realidade da sua terra nativa. Afirmando-se repetidamente como “a real West Indian” (52), traindo a sua própria insegurança em relação à sua identidade, Anna tenta partilhar com Walter as suas memórias do espaço das ilhas tropicais: “I wanted to make him see what it was like . . . . You can never tell about things” (53). A decepção da personagem perante a sua impotência para traduzir os seus pensamentos e memórias em palavras revela a desconexão entre a sua consciência, moldada pela sua experiência colonial, e a semântica e estrutura gramatical do inglês padrão, através do qual comunica com os britânicos nativos. Noutros episódios em que Anna invoca as suas memórias das ilhas, é possível discernir que a protagonista falava a língua crioula com a sua amiga negra Francine, em criança: “Exactly like a nigger you talked . . . . Exactly like that dreadful girl Francine” (65). O facto de Anna ver frustradas as tentativas de visitar e articular oralmente a realidade que percecionou através da língua crioula, no contexto da sua ilha nativa, utilizando agora o inglês padrão, contribuem para agravar o seu sentimento de desenraizamento e alienação. A utilização do inglês emerge ainda como um fator que identifica Anna com o discurso do colonizador, com a língua do centro, por oposição às línguas da periferia, espelhando o seu posicionamento na dialética colonial enquanto mulher branca, descendente de proprietários de escravos, do qual Anna se procura demarcar. O seu dilema, “the problem inherent in using a language while trying to reject the particular way of structuring the world it seems to offer” (Ashcroft et. al. 57), dita o fracasso da tentativa de verbalizar a sua consciência dupla na língua dominante: Anna é incapaz de exprimir e afirmar a sua alteridade, o que intensifica o seu sentimento de exílio.

Em *The Lonely Londoners*, por outro lado, a língua crioula que domina a voz narrativa e a comunicação entre as personagens demonstra uma relação de interdependência entre a linguagem e a sua identidade cultural híbrida, emergindo a primeira como o espaço onde se articula uma consciência pós-colonial, estruturada pela experiência de *displacement*. Neste contexto, a utilização do crioulo emerge também como uma estratégia subversiva da cultura e do discurso dominantes, ao simbolizar a invasão da Metrópole pelo colonizado e pelo Terceiro Espaço identitário

que este representa. Em simultâneo, ao permitir um remapeamento da cidade de Londres, com a reescrita da capital numa nova semântica e estrutura gramatical e com o recurso a referentes da cultura crioula que modula as suas identidades, as personagens de Selvon transformam a sua apropriação e crioulição da língua dominante num acto de colonização em reverso do próprio espaço da Metrópole. Através da linguagem, a experiência de *displacement* encontra um veículo de expressão e emerge como um fenómeno potencialmente produtivo e energizante, que supera uma conceção redutora do exílio como uma mera perda ou um vazio impreenchível, por oposição a *Voyage in the Dark*, no qual Anna revela maior impotência perante a sua situação.

No episódio que encerra a narrativa de *The Lonely Londoners*, Moses desperta para esta dimensão fértil do seu exílio, reconhecendo a semente de uma nova voz literária na busca activa pela palavra que defina o seu sentimento de deslocação:

. . . he could see the faces bobbing up and down in the millions of white, strained faces . . . . As if on the surface, things don't look so bad, but when you go down a little you bounce up a kind of misery and pathos and a frightening... what? He don't know the right word but he have the right feeling in his heart . . . . Over in France all kinds of fellars writing books what turning out to be best-sellers . . . . He watch a tugboat on the Thames, wondering if he could ever write a book like that, what everybody would buy. (Selvon 139)

Moses demonstra neste episódio ter tomado consciência da possibilidade de substituir a Grã-Bretanha do mito por uma nova visão da Metrópole, cujas ruas são renomeadas e reconfiguradas na língua crioula a partir do olhar da periferia, e de sobrepor às forças destrutivas da sua experiência de exílio o impulso criativo subjacente à sua identidade cultural única. Apesar do sentimento de vazio, solidão e desenraizamento continuar a dominar a experiência de vida dos imigrantes no coração da Metrópole, a afirmação manifesta da sua identidade híbrida e a promoção desta identidade e desta cultura no seio da sua comunidade, permite-lhes exercer resistência face ao discurso binário que os tenta definir e categorizar. Estes atos transgressivos raramente se traduzem em consequências positivas concretas e imediatas nas suas vidas, mas conferem-lhes uma visibilidade que obriga a uma reconsideração crescente do que significa ser inglês e que poderá contribuir, a longo prazo, para uma reorganização dos espaços sociais da Grã-Bretanha pós-colonial.

A conclusão do texto de Selvon, com a representação do despertar de Moses para o impulso criativo subjacente à sua experiência de exílio, contrasta com o

episódio final de *Voyage in the Dark*, em que o aborto espontâneo sofrido por Anna parece sugerir que o *displacement* que esta experiência se trata, em última instância, de um fenómeno infrutífero. Se a sua gravidez no final da narrativa, representando a perspectiva de dar à luz um produto vivo do processo de miscigenação, simboliza o potencial subversivo da sua sexualidade para o sistema dominante, para além de renovar a sua esperança em estabelecer raízes na Grã-Bretanha e de recomeçar a sua vida, o aborto que lhe coloca um término é a prova final da esterilidade do exílio de Anna e da sua impotência para se reinventar face às forças patriarcais e do Império que a oprimem.

O facto de Anna se encontrar privada das estruturas adequadas para transformar o seu exílio numa oportunidade de resistência activa a este discurso dominante, prende-se principalmente com a sua identidade crioula e consequente posicionamento ambíguo no binário colonizado/colonizador no contexto da Metrópole. Anna já transporta consigo o peso desta indefinição identitária à chegada a Londres, sendo que a vida na Grã-Bretanha parece apenas agravar e confirmar o *displacement* que dominam a sua condição social e o seu estado de espírito. Também por oposição aos imigrantes de Selvon, Anna não dispõe de ferramentas de afirmação da sua cultura híbrida, uma vez que foi instruída nos valores britânicos, com os quais não se identifica totalmente, nem de uma comunidade onde estas possam ser aplicadas e ritualizadas, já que a cor da sua pele e o seu historial familiar também não lhe permitem associar-se aos imigrantes negros. A condição liminal de Anna enquanto crioula, aliada ao facto de ser mulher, condenam a personagem a um exílio infértil, marcado por relações abusivas, que a reduzem ao papel de uma vítima em perpétuo silêncio, cujas incursões na memória e na fantasia constituem a sua única fonte de conforto e cujas deslocações transgressivas pelas ruas da capital representam, assim, a sua derradeira hipótese de tornar a sua presença visível e potencialmente disruptiva.

## Conclusão

Em *Voyage in the Dark* e *The Lonely Londoners*, a deslocação do sujeito colonial para o centro da Metrópole leva-o a confrontar a sua identidade cultural ambígua através da sua complexa relação com o espaço. O *displacement* surge principalmente associado ao facto de a sua hibrididade identitária, disruptiva para o binário branco/negro e para o discurso nacionalista dominante, condicionar não só a sua movimentação e integração nas ruas da capital da Metrópole, mas também a sua própria experiência subjetiva dos lugares, condenando-os a um profundo desenraizamento. Contudo, as diferentes interseções identitárias que definem as personagens implicam uma vivência

necessariamente distinta do exílio, que pode resultar numa apropriação subversiva do espaço da Metrópole ou numa nova colonização do imigrante por parte das forças do Império, sendo que ambas as hipóteses ocorrem frequentemente em contraponto, revelando os complexos efeitos culturais da diáspora.

As experiências de Anna e das personagens de *The Lonely Londoners*, nas suas diferenças e semelhanças, demonstram que, ainda que a presença do “Outro” no coração de Londres seja, por si só, subversiva, principalmente quando as fronteiras artificiais do espaço físico e social são transgredidas, é no reconhecimento da sua hibridéz identitária e na afirmação da sua alteridade, nomeadamente através da utilização do crioulo como forma de reescrever a própria cidade, que o exilado pode apropriar-se do espaço da Metrópole e converter o seu *displacement* num fenómeno disruptivo a longo prazo. O facto de Anna se revelar, em última instância, impotente para melhorar a sua situação, é indissociável do facto de ser uma mulher de ascendência crioula no seio de uma sociedade patriarcal. Ironicamente, o facto de ser branca e parte de uma família de colonos, colocando-a numa posição de privilégio em alguns contextos, impedem-na também de capitalizar a sua diferença e de a converter num instrumento de subversão, que permita reconciliar na sua consciência os dois espaços entre os quais se divide.

O *displacement* não pode, desta forma, ser entendido como um fenómeno meramente destrutivo para o sentido de individualidade do exilado, já que este força também a Grã-Bretanha a repensar-se a si mesma. Ambos os textos representam a deslocação do sujeito colonial da periferia para o centro não só como um momento de progressiva desilusão e de destruição de expectativas para o recém-chegado, mas também como um fator de desconforto para a Metrópole que o recebe, localizando na estranheza deste encontro o potencial transformador que obrigará a uma revisão, mesmo que indesejada, do discurso de nacionalidade, no contexto da sociedade pós-colonial emergente.

## **Obras Citadas**

Ashcroft, Bill et al. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. 2.<sup>a</sup> ed., Routledge, 2004.

Baucom, Ian. *Out of Place: Englishness, Empire and the Locations of Identity*. Princeton University Press, 1999.

Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. Routledge, 1994.

DuBois, W.E.B. *The Souls of Black Folk*. Oxford World's Classics, 2007.

Gilroy, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Verso, 2007.

Rhys, Jean. *Voyage in the Dark*. Norton, 1982.

Said, Edward W. *Reflections on Exile and Other Essays*. Granta, 2012.

Selvon, Sam. *The Lonely Londoners*. Penguin Books, 2006.

---

<sup>1</sup> Optou-se por utilizar ao longo deste artigo o termo inglês “displacement” no lugar de uma tradução em português, de forma a garantir uma correspondência rigorosa com a rede complexa de sentidos que esta noção adquire quando empregue e desenvolvida no âmbito dos estudos pós-coloniais citados.